

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU



EM

MAJU INDUSTRIA TÊXTIL LTDA
Caixe Postal, 427 - BLUMENAU

CADERNOS

TOMO XXX

JULHO DE 1989

Nº. 7

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

JULHO DE 1989

Nº. 7

SUMÁRIO

Página

Biografia do Imigrante João Reitz (1799-1890)	192
Subsídios Históricos	195
Armadilha Histórica em Gaspar	196
Autores Catarinenses	208
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	211
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	214
Colonização/Imigração	216
Aconteceu... Junho de 1989	218
Comissão criada para estudar a preservação do patrimônio	221
Conselho Curador da Fundação foi empossado	222

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 5,00 + 1,00 (porte) = NCz\$ 6,00
Número avulso NCz\$ 0,50 — Atrasado NCz\$ 1,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 10,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 15,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

BIOGRAFIA DO IMIGRANTE

JOÃO REITZ (1799-1890)

Rauline Reitz

João (Johannes) Reitz, bisavô do autor, nascido em 1799, na aldeia de Hirschfeld, distrito de Zell, na região das montanhas do Hunsrück, no estado confederado de Renânia-Palatinado, República Federal da Alemanha, marceneiro e lavrador de profissão, era filho de Felipe Matias, nascido em Hirschfeld, também marceneiro e lavrador de profissão e de Ana Maria Friedrich, nascida na mesma aldeia. Contraiu matrimônio com Ana Catarina Klein, nascida e moradora em Hirschfeld, que gerou os 11 filhos e filhas seguintes:

Maria Margarida, n. a 07-09-1823, falecida em 1825, na Alemanha; João Jacó, n. a 20-06-1824, falecido em 1841, na Alemanha; Maria Catarina, n. a 04-10-1826, falecida aos 6 meses após casada com ... Pickler, em Varginha, município de Santo Amaro da Imperatriz, onde morava: Maria Margarida, n. a 15-11-1828, falecida na travessia do oceano Atlântico, no ano de 1846, sepultada no mar; Ana Maria, n. a 02-09-1831, chegada ao Brasil, sem mais notícias; Pedro, n. 25-11-1832, casada com Ana Maria Arens, mora-

dor em São Pedro de Alcântara; João Nicolau, n. a 01-08-1834, habitante do Egito, município de Antônio Carlos, casado com (Catarina?) Schmitz; Ana Catarina (Ana Ket), n. a 13-10-1836 e falecida em 1922 em São Pedro de Alcântara, casada com Nicolau Adão Schmitt (1838-1902); João Adão, n. a 15-06-1839 e falecido na Alemanha em 1842; João Pedro, n. a 27-01-1841, residente em Gaspar, casado com Valentina Theiss; João Adão, n. a 18-12-1842, avô do autor, morador em Rachadel, município de Antônio Carlos, falecido a 28-02-1940, casado com Maria Reinert (1848-1918).

João Reitz emigrou com sua família para o Brasil, em 1846. No Arquivo Estadual de Coblença (Staats-Archiv von Koblenz) encontrei uma ficha (St. A. 500/114) referente à ata de emigração que reza: "Reitz, Johannes. Lugar de origem: Hirschfeld. Emigrado: 1846, para o Brasil com 8 familiares". A ata de emigração propriamente dita foi queimada num bombardeio durante a II Grande Guerra Mundial.

Após o embarque para o Brasil, a 18 de outubro de 1856, no brigue Eridano (veleiro) iniciou a longa e perigosa viagem através do oceano Atlântico. Eram 220 passageiros. De imediato uma disenteria infecciosa afetou muitos passageiros e parte da tripulação. Algumas crianças perderam pai e mãe, outras só a mãe,

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

tanto que diversos pais chegaram viúvos ao Brasil. Durante a viagem de 6 semanas morreram 27 pessoas, quase todas adultas. Os corpos foram atirados ao mar num saco com areia. O cruel e ávaro capitão do navio distribuía pouca comida, sopa fria, mesmo para os doentes. Houve muita privação. Muita reclamação, choro e sofrimento.

Do Rio de Janeiro à Ilha de Santa Catarina os imigrantes vieram embarcados no bergantim Vênus. Eram 29 homens entre casados, viúvos (6) e solteiros, 14 mães e 70 crianças.

Com esta leva de imigrantes foi fundada, em julho de 1847 a Colônia Santa Isabel no quilômetro 43 da estrada de Desterro a Lages, na confluência do rio dos Bugres com o rio Cubatão, hoje município de Águas Mornas, na Grande Florianópolis, região agora cortada pela rodovia asfaltada BR-282.

O pioneiro João Reitz e a família receberam um lote como se lê nos termos do registro oficial: "Memoriaes — Ano 1847 e 1848 — N.º. 286 — Termos das Medições de Lotes na Colônia Santa Isabel — 1847 — 1848 — Santa Isabel — 1847 — Termos de medições da 1a. linha, Lado Esquerdo — N.º. 16. Certifico eu Frederico Xavier de Souza demarcador e arruador n'esta Villa de São José que passando ao lugar denominado Boavistinha da extrema do Collonio Jacob Schneider medi e marquei o rumo de Sodoeste sento e setenta e cinco

braças de terra de frente, que depois de apontada a estrema para os fundos à rumo de Sueste se numerou a estrema com o número Vinte e dois que fica dividindo ao Collonio João Reites tendo assim cumprido as Ordens de Sua Exa. segundo as instruções que assim ordena. E por ser verdade todo o referido passei e assinei a presente Certidão. Villa de São José 16 de Julho de 1847. Demarcador Frédérico Xavier de Souza".

Após algum tempo João Reitz mudou-se para a Colônia de São Pedro de Alcântara, onde se estabeleceu, pouco acima do salto do rio Maruim, nas proximidades da freguesia (hoje vila). Depois de agradável e longa convivência com os colonos de São Pedro de Alcântara e ter casado seus filhos, entregou sua alma ao Senhor de tudo e de todos. Lê-se: "Registro de Óbitos de São Pedro de Alcântara, 1883-1946. Ano 1890, N.º. 22 — João Reitz viuvo de Catharina Klein falleceu de velhice com oitenta e nove annos de idade aos quatro de Julho do corrente anno ("1890") as sete horas da manhã e foi enterrado no Cemitério desta Matriz aos cinco de Julho do corrente anno as dez horas da manhã. Ita in fide Parochi. São Pedro de Alcântara aos 5 de julho de 1890. O Vigario João Baptista Steiner".

De sua prole fecunda descendem hoje alguns milhares de pósteros.

Endereço: C. Postal 30
88220 — Itapema, SC.

JOÃO REITZ

LIVRO DO AUTOR: FRUTOS DA
IMIGRAÇÃO (1)

FAMILIARES VINDOS AO BRA-
SIL

- Johannes Reitz, n. 1799
- 1 — Anna Catharina Klein, espo-
sa
(Maria Margaretha, n.
07-09-1823, falec. 1825 na A-
lemanha)
(Johann Jacob, n. 20-06-1824,
falec. 1841, na Alemanha)
- 2 — Maria Catharina, n.
04-10-1826
- 3 — Maria Margaretha, n.
15-11-1828, falec. 1846 no A-
tlântico
- 4 — Anna Maria, n. 02-09-1831
- 5 — Peter, n. 25-11-1832
- 6 — Johann Nicolaus, n.
01-08-1834
- 7 — Anna Catharina, n.
13-10-1836
(Johann Adam, n.
15-06-1839, falec. 1842, na A-
lemanha)
- 8 — Johann Peter, n. 27-01-1841
- 9 — Johann Adam, n. 18-12-1842,
avô do autor

TERMOS DAS MEDIÇÕES —
COLÔNIA SANTA IZABEL: ...
1847 (2)

FAMILIARES CHEGADOS
AO BRASIL

	Nº. da relação do Rio Janeiro	Idade
João Reites	86	44
1 — Catharina, sua mulher	87	44
2 — Catharina, fi- lha	88	19
3 — Anna Maria, fi- lha	89	16
4 — Pedro, filho	90	14
5 — Nicolao	91	12
6 — Anna Cathari- na, filha	92	10
7 — João, filho	93	6
8 — João Adão, fi- lho	94	4

(1) — Dos arquivos: Estado da Renânia (Coblença), da Diocese de Tré-
veris, da paróquia de Hirschfeld, todos na Alemanha. Os no-
mes são completos e corretos.

(2) — Do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Em "Termos das Medições, Colônia Santa Izabel", aqui anota-
dos, verifica-se que da família de João Reitz chegaram ao Brasil, 8
familiares, ao passo que da Alemanha saíram 9 familiares, pois Maria
Margaretha partiu de lá, mas não chegou ao Brasil, por ter falecido em
viagem, no oceano Atlântico, em virtude de uma grave epidemia, que
grassou no veleiro Erídano.

VOCÊ SABIA?

— Que o primeiro avião a sobrevoar a cidade de Blumenau foi o hidro-avião
"Dormer-Wall, que conduzia o ex-ministro alemão Luther? E que este fato
aconteceu a 23 de novembro de 1926?

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: **Rosa Herkenhoff**

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 28 de setembro de 1867:

Colônia Dona Francisca. — Bugres. Pelas incursões realizadas nas cercanias, chegou-se à conclusão de que a tribo de indígenas, da qual alguns apareceram na vizinhança da estrada Blumenau, tem a sua aldeia alguns dias de viagem acima do morro de Duas Mamas, junto às nascentes do Rio Alvim (Itapocuzinho), compondo-se a referida tribo de aproximadamente 100 indivíduos. É digno de nota o fato de terem sido encontradas também pegadas de cachorros no caminho que leva à aldeia. Estes dias, um grupo de quatro ou cinco indígenas, durante a caça ultrapassou o morro de Duas Mamas, acampando perto da cabana existente no alto do morro. Seguiram até as proximidades do moinho do colono Krisch, isto é, a 1.300 braças de distância. Depois se afastaram novamente, em direção Noroeste. É, sem dúvida, a mesma tribo, que a expedição Pabst encontrou no ano de 1855, nas proximidades da Serra São Miguel, quando da exploração de uma passagem para o Planalto. Até agora não se verificou nenhum ataque à Colônia por parte da tribo, no entanto é preciso estarmos prevenidos.

Notícia de 2 de novembro de 1867:

Colônia Dona Francisca. — Guarda Nacional. Pelos decretos ns. 3.958 e 3.960 de 14 de setembro, foram criados na Paróquia São Francisco Xavier de Joinville: uma Companhia de Infantaria com a denominação de Primeira Companhia de Reserva, e uma secção de Batalhão de Infantaria, com duas companhias, sob a denominação de Segunda Secção de Batalhão para o serviço ativo, as quais estão subordinadas ao comando superior da Guarda Nacional de São Francisco do Sul.

Notícia de 2 de novembro de 1867:

Dona Francisca. — Balanço da Caixa da Direção da Colônia, do último trimestre.

RECEITA: Em caixa, a 1º. de julho do corrente ano, 220\$460 Rs. — Recebimento de impostos territoriais e restos de impostos de 1866: 169\$200 Rs. TOTAL: 389\$660 Rs.

RECEITA: A) Caminhos e pontes: 1. — Estrada Santa Catarina I, 50\$000 Rs. 2. — Estrada Alemã, 20\$000 Rs. 3. — Estrada Parati, 50\$000 Rs. 4. — Estrada Cubatão II, 5\$000 Rs. 5. — Caminho de Meio II, 5\$000 Rs. 6. — Estrada Blumenau, 45\$000 Rs. Estrada do Norte, 19\$500 Rs., Estrada dos Suíços, 30\$000 Rs. — B) Administração: 1 — Ajuramentação do procurador, 800 Rs. — Porcetagem paga aos repre-

sentantes, 35\$780 Rs. 3. — Pagamento de 15 anúncios, 12\$240 Rs. 4. — Material para a escrita, 1\$280 Rs. 5. — Ordenado do procurador, trimestre, 38\$000 Rs. TOTAL 312\$000 Rs.

RECEITA: 389\$660. — DESPESAS: 312\$000 Rs. — Em caixa, a 1º. de outubro: 77\$060 Rs.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

ARMADILHA HISTÓRICA EM GASPAR

Frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM.

A DECISIVA PERGUNTA.

O gasparense historiador, ou linhagista consciencioso, mais confiado em fontes do que em ventos, não poderá adiar por muito tempo a aeróbia subida à colina da igreja matriz, em busca de apoio em fontes históricas universalmente consideradas imprescindíveis: os livros eclesiásticos. Estes, em Gaspar, estão particularmente bem cuidados. O estudioso não terá problemas para folhear documentos que, no mundo inteiro, são os que geralmente mais recuam na história do lugar — os das paróquias. Para o pesquisador, contanto que saiba o que quer, são, portanto, dos mais preciosos. Neles, já o cheiro de papel antigo e venerável, as velhas letras em geral caprichadas, a velha tinta firme, idosa de uma ou mais centúrias, o colocam no clima emocional aconselhado, para que possa, com êxito, encontrar a rota histórica do seu interesse. Os assentamentos paroquiais de batizados, matrimônios, falecimentos, via de regra são feitos em cima da hora, o que os torna vivos para a História, e desmentíveis somente com provas em contrário.

Assim, e só para exemplificar, vamos abrir com reverência o livro número I dos Óbitos: 1867-1895. Pois estamos procurando, digamos, a data

correta do falecimento de Nicolau Deschamps pai e Nicolau Deschamps filho, como podíamos pesquisar os mesmos dados em relação com qualquer outro dos patriarcas da Gaspar antiga. Se na anotação obituária de ambos os cidadãos em apreço se diz que eram naturais "da Allemanha", seria no mínimo temerário dar-lhes gratuitamente outra nacionalidade, a menos que nossas provas em contrário anulem a gratuidade que outros continuam dando à nossa afirmação sem provas. Enquanto esse desmentido provavelmente impossível não for produzido historicamente, o bisneto, trineto e tetraneto Deschamps ficou sabendo, *nolen volens*, que ele descende de alemães, embora o sobrenome não seja alemão — o que intrigaria somente a quem desconhece os entrançamentos resultantes da migração dos povos.

Mas agora, de posse desta notícia de berço, pergunta-se o historiador gasparense como se explica a presença, em Gaspar, de alemães com nome francês. Isto o levará à História da Imigração: quem veio? de onde veio? E aí se impõe o recuo no tempo, viagem em que as guias naturais seriam as pessoas que, honestamente, em livros ou publicações esparsas, já se ocuparam do assunto, apoiados no bastão seguro das informações com base.

Suposta a provável presença do índio, por ali, antes do branco, houve na região de Gaspar o povoamento português. Os primeiros europeus foram eles. O povoamento só se adensou com a chegada de outros colonos, a partir sobretudo de 1830, quando ali começaram a entrar famílias saídas de São Pedro de Alcântara, onde em 1829 o Primeiro Império fundara a primeira colônia alemã no Estado de Santa Catarina.

Ali, 99% dos imigrantes eram alemães, pois exclusivamente na Alemanha é que eles haviam sido procurados. No fim deste trabalho, indiquei ao estudioso as fontes certas por que se orientar. Antes de começar a emigração de São Pedro de Alcântara, o diretor desta colônia, João Henrique Soechting, em setembro de 1830, fez ali o recenseamento completo de todos os moradores, nome por nome, nacionalidade por nacionalidade. No 1% dos que não eram alemães, nenhum único se declarou belga. Nem antes, nem depois, em nenhum momento da história de São Pedro de Alcântara, houve ali algum belga. Pois era uma colônia alemã, exclusiva de alemães.

Quem, pois, em Gaspar pode afirmar que de São Pedro de Alcântara vieram belgas?

A INVERDADE HISTÓRICA NA IMPRENSA.

Impõe-se a pergunta, pois afirmações nascidas de fantasia, sem fundamento histórico mínimo, fizeram correr, das ruas de Gaspar, para as páginas de três jornais catarinenses, até em títulos de matéria, o famoso mal-entendido que peço vênha para batizar como "a síndrome belga" em Gaspar. Não constitui nem mesmo amadorismo em História. É simples desinformação, acintosa, passada adiante com petulância. Os jornais são estes: "GAZETA

DO VALE" e os diários "JORNAL DE SANTA CATARINA" e "O ESTADO". Num artigo que pouco tem por onde se lhe pegue, réu de outros erros ainda em relação à história de Gaspar, um filho da terra achou aberta a "Gazeta do Vale" do dia 19 de setembro de 1984, para brindar seu município com um estranho presente de aniversário. Ali se arrolam, de um fôlego, "descobertas" como as que seguem.

"Ao contrário do que muitos pensam, os primeiros moradores de Gaspar não eram alemães: eram belgas... Os relatos de Avé-Lallemant, belga... mostram claramente que as famílias estabelecidas em Gaspar procediam da Bélgica, como também as famílias estabelecidas em São Pedro de Alcântara... Há (em Gaspar) sobrenomes alemães, mas há juntamente com eles sobrenomes franceses (Castellain, Durieux, Deschamps). Tais sobrenomes aparecem também em São Pedro de Alcântara... **O resto é fantasia e mal-entendido**" (grifo nosso).

O "Jornal de Santa Catarina", em sua entrega de 18 de março de 1987, evocando os 53 anos de emancipação política de Gaspar, leva-lhe, por sua vez, o seu "agrado" também. Título: "Casais belgas pioneiros na colonização do Vale". No texto da matéria, que como brinde de promoção de Gaspar contém ainda outros erros históricos, lemos: "Entre as famílias belgas podem ser encontrados nomes como Schramm, Zimmermann, Spengler, Schmidt e Schmitz". (Não cita Schmitt, e ainda bem.) Desta forma, como coelho saltando da cartola, nomes radicalmente alemães, linguisticamente só possíveis no alemão, herdados em Gaspar por descendentes de alemães natos, vindos de São Pedro de Alcântara (e depois de outros lugares), por um passe de mágica se transformam em belgas. Mais adiante, o jornal reforça a tese, fazendo alusão aos "ar-

raiais de Pocinho e Belchior, para onde vieram as famílias belgas de São Pedro de Alcântara”.

No mesmo dia, “O Estado”, aplaudindo da capital, depois de um título onde se diz que Gaspar “vai investigar sua história” (e não sem tempo), serve-se da mesma munição informativa, que até parece **release** de imprensa, fornecido por alguma máfia da contra-informação, tamanha a semelhança. Escreve: “A versão mais conhecida (!) da história do município destaca que famílias belgas, procedentes da colônia de São Pedro de Alcântara..., se encontravam em Gaspar desde 1848”. E mais adiante: “...no lugar Belchior, para onde vieram as famílias belgas de São Pedro de Alcântara...”

Dois anos depois destes “ensinamentos”, o “Jornal de Santa Catarina” volta à carga; pois bom mestre é o que repete a matéria. Em seu número de 18 de março de 1989, o jornal de Blumenau reapresenta “os arraiais de Pocinhos e Belchior, onde se fixaram as primeiras famílias belgas oriundas de São Pedro de Alcântara”.

O historiador gasparense consciencioso deve partir destas desinformações, para rebatê-las, colocando em base sólida o capítulo Imigração e Etnias em Gaspar. Assim, paradoxalmente, ao arrepio da praxe, deverá começar refutando o que não é a verdade. Precisa, por isto, examinar com o maior ceticismo o citado artigo na “Gazeta do Vale” de 19/4/1984, assim como as matérias jornalísticas assinaladas poucas linhas acima. Talvez a Biblioteca Pública Municipal de Gaspar colecionem os jornais que falam do município, facilitando ao estudioso cozejar com a verdade histórica algumas dessas “flores”, cujas mudas me parecem fornecidas por uma única “fonte”. Inverdades ou distorções em História são como quaisquer outras em suas consequências. Até mesmo o

mestre suavíssimo de meiguice e doçura que foi São Francisco de Sales mandou a caluniadora contrita subir à torre da igreja, com um saco de penas, despejá-las todas dali abaixo, para que o vento as levasse, e ela, se pudesse, fosse ajuntá-las todas outra vez. Se pudesse... Por que motivo erros históricos também, espalhados com suspeito interesse, não nasceriam dessa ignorância cultivada, que os amontoa, em cadeia, na mesma estrada escorregadia do erro irreparável?

ENTÃO, PROCUREMOS RETIFICAR OUTRA VEZ

Trata-se, diria, de desfazer mentiras, semeadas com normalidade. E... **avec nonchalance**. Bem à moda totalmente aceita da época. A normalidade da mentira, eis o que nos apavora.

Antes que se torne praxe anual dos nossos jornais de março apresentarem, ao ensejo do aniversário de Gaspar, sempre de novo, monotona e monotonicamente, “os belgas vindos de São Pedro de Alcântara”, como podiam ter vindo de Pasárgada — nem eu me faço ilusões —, chamo a atenção, também de novo, para a documentada resposta que publiquei na mesma “Gazeta do Vale” três meses depois (10/7/1984). Em carta de 22/3/1989, enviada ao sr. Prefeito de Gaspar, voltamos ao notório cipó; os gasparenses que impedem o que deviam promover, isto é, que um dia alguém possa escrever a história certa de Gaspar, também no capítulo **Origem dos Colonos**.

Belgas em Santa Catarina? Sim. Mas precisamos distinguir. Resumidamente diplomacia européia, num golpe de geo-política mal aconselhada, em 1830 (!), uniu duas etnias diferentes e quase antagônicas para formarem um novo país, o mais novo da Europa: a Bélgica, Estado-Tampão entre a França e a Alemanha de um lado, e a In-

glaterra do outro lado do Canal. Antes daquele ano, o que hoje se chama Bélgica integrava os Países Baixos, a que pertencia também a Holanda, política e administrativamente dominados, durante séculos, por várias dinastias européias do oeste. Passaram a integrar o novo país independente: os flamengos na parte norte, vizinha da Holanda; os valões ao sul (a Valônia, *la Wallonie*), vizinhando a França. Os flamengos, que pertencem ao tronco germânico de povos e línguas, falam o flamengo, idioma gêmeo do neerlandês ou holandês. Os valões pertencem ao grupo latino de nações, e falam uma das principais línguas românicas, o francês. A Bélgica é um país bi-racial e bilingüe, sob uma só bandeira, a da monarquia, sofrendo uma divisão de raiz em consequência do artificialismo étnico do país, que mal esconde as bolhas históricas dum ebulição que perdura, mas que no campo econômico e cultural corre emparelhado com a Europa. (Nos meus tempos de universidade em Lovaina, o maior centro cultural do país, eram praticamente diárias as escaramuças, e tertúlias no braço, entre estudantes flamengos e valões, de longe identificáveis pelos seus bonés: era a guerra das garrafas, das cadeiras e dos insultos, pelos bares e logradouros públicos. Ultimamente, isto é, desde 1968, "por razões comunitárias", a secção francófona da universidade — ainda considerada uma das maiores católicas do mundo, fundada em 1425 — foi transferida para a geografia valã do país, assim chamada Louvain-la-Neuve, nova cidade universitária.)

Na Bélgica, os nomes ou são flamengos ou são franceses, levada em conta a natural miscigenação em país tão densamente povoado, de dimensões três vezes menor do que o Estado de Santa Catarina. Ali, há cidadãos de nome flamengo que se con-

sideram valões, e vice-versa. Isto deve ser levado em conta quando falamos das colônias "belgas" em Santa Catarina. As tentativas "belgas" de colonização em nosso Estado eram flamengas, de iniciativa particular. Surgiram somente depois de passados 13 e mais anos após a fundação da colônia de alemães em São Pedro de Alcântara, "fornecedora" não de todos, mas de um bom número de nomes alemães hoje existentes em Gaspar e nas imediações.

Como sem passaporte ou "licença de emigração" (*Auswanderungsconsens*), ninguém podia emigrar, caso dos colonos alemães embarcados no porto alemão de Brêmén em 1828, resta saber com que papéis um "belga" podia infiltrar-se entre aqueles fundadores de São Pedro de Alcântara, se antes de 1930 a Bélgica não existia como país autônomo. Já isto desfaz a fantasia de que em São Pedro havia "belgas". Nem no começo, nem em época nenhuma houve em São Pedro algum belga, que pudesse ter saído de lá para Gaspar. É a fantasia que deu origem à fabulosa afirmação, repetida por jornais catarinenses, de que são "belgas" nomes radicalmente e exclusivamente alemães como Zimmermann, Mueller, Schmitz, Spengler e outros. Diz o provérbio chinês: quem fez o nó que o desfaza.

DE ONDE OS NOMES FLAMENGOS EM GASPAR?

Tanto nos velhos livros da paróquia, como na lista telefônica do ano, verificamos a presença, passada e presente, de legítimos patronímicos flamengos em Gaspar: de Fawe, van der Borke, Mortir, Koekuit, Hostyens, Maas, Schweers, van der Bosche, van Zuit (e variantes), van der Hecht, Wandal (en), além de outros, que vêm sobrepor-se às linhagens alemãs ali cronologica-

mente anteriores (os vindos de São Pedro de Alcântara), ou simultâneas, ou posteriores. Excluída historicamente qualquer imigração direta da Bélgica para Gaspar, vamos encontrar, no entanto, não longe dali, belgas residentes, já na metade do século 19. Trata-se da falada "Société Belge-Brésilienne de Colonisation", que, chegada ao Brasil com algum aparato, ativou seu pretensioso projeto no Itajai-Açu (Ilhota), em novembro de 1844, fundada pelos belgas Charles van Lede, militar, e Joseph Philippe Fontaine, engenheiro. Superadas boas dificuldades além e aquém-mar, conseguiram embarcar em Ostende (porto belga), uns 90 colonos daquele país com destino ao Desterro. Iniciado o desmatamento em Ilhota durante o citado mês, em janeiro de 1845 já tinham levantado umas 20 casas, além de uma igreja e de um estabelecimento comercial. Problemas diplomáticos, descontentamento com o que se lhes dava, discórdias entre dirigentes e dirigidos, invasão de outros elementos e negócios desonestos conspiraram contra o êxito feliz da colônia. Se Jacintho de Mattos afirma que em 1860 a colônia belga no Itajai-Açu já se encontrava mais ou menos extinta, e se Walter Piazza escreve que em 1861 havia ali "mais de 200 pessoas", há uma divergência apenas aparente: a desorganização e a saída dos fundadores, provocando a debanda de dezenas de famílias, aliciou outros elementos para aquelas propriedades, os quais, ou as tomavam ou compravam.

Quantos desses belgas não teriam subido pelo rio Itajai, estabelecendo-se em Gaspar também, colônia próxima, já em franco desenvolvimento?

Houve ainda uma outra tentativa de colonização belga, também de flamengos, "entre o rio Biguaçu e o rio Tijucas", a assim chamada Colônia Leopoldina, a que os dois historiadores acima citados se referem com

poucas linhas. A idéia foi de um inglês, Charles Sheridan, que em outubro de 1847 obteve umas águas de terra, naquela região, para o assentamento de "38 belgas e alemães, procedentes da Colônia Piedade"; mas a fundação só ocorreu em 1853. Por desorganização e falta de chefia, não chegou a lançar raízes. Sheridan, por sinal representante consular belga no Desterro, envolveu-se em processo de contrabando, o que levou à prisão o comandante do navio. Não podemos excluir a possibilidade da presença pelo menos de alguns desses colonos no médio vale do Itajai: ajudaria a explicar ainda mais a presença de sobrenomes flamengos e alemães entre os gasparenses.

Alli, pois, onde os alemães, cuja etnia até hoje é a que maior número de gasparenses assinala, já possuíam fogos de grande vitalidade, esses flamengos, por acaso emigrados de suas primeiras colônias não bem sucedidas, viram abençoada uma determinação que resultou feliz.

Entretanto, não podemos misturar o que precisamos distinguir. É onde os estudos genealógicos, feitos por pessoas interessadas na memória de seus ascendentes, irão contribuir decisivamente para a história certa da imigração em Gaspar. Pois esta história não pode ser feita de palpites. Antes, para merecer crédito e honrar a comunidade, será feita de estudos. Antes, há de lembrar-se o estudioso: a pesquisa, que pode ser filha da vaidade familiar, ela sozinha ainda não faz o mérito. Parece responder a Platão: "Para quem faça bom conceito de si mesmo, é vergonhoso esperar ser honrado apenas pela fama de seus antepassados, e não pelos seus próprios merecimentos". E a isto responde o conselho que dava a seus 14 filhos aquela mãe em São Pedro de Alcânta-

ra: "Não precisais dizer quem sois: o mundo dirá".

No entanto, se o mérito é mais do que o nome, este deve ser assumido, venha de onde vier. A honra e o nome fazem o caráter. Ambos. E o nome vem dos antepassados da pessoa. Ninguém se enxerta uma nacionalidade, renegando a legítima. Oliveira não é nome alemão. Zimmermann não é nome belga, nem Schramm, nem Spengler, nem Schmitz. O caldeamento das raças é um fato elementar na história dos povos, e façamos a restrição. Ludwig von Beethoven é um alemão, mas o nome é neerlandês. Avé-Lallemant é um nome francês, mas é alemão nato o ilustre viajante, portador deste nome, que nos visitou no século passado. Lauro Mueller e Felipe Schmidt são brasileiros com nome alemão, assim como Gonçalves Dias tem nome português mas é poeta brasileiro. O mesmo processo histórico pode ter feito nascer na Bélgica, por exemplo, um Schmidt (nome alemão comuníssimo), o que o faria cidadão belga. Mas este fato não é absolutamente aplicável aos colonos de São Pedro de Alcântara que vieram para Gaspar: estes eram todos alemães, ou de país alemães. Se em Gaspar há nomes flamengos (belgas) puros, seus portadores não vieram de São Pedro de Alcântara, mas de um outro lado, conforme também a seguir tentarei sugerir.

Em defesa da verdade histórica, e por amor ao povo de Gaspar, irmandade no trabalho e na prosperidade, todo ele nascido de quatro nacionalidades européias, convém repetir tudo isto, como convém repelir qualquer aleivosa ou ingênua confusão, que em Gaspar alguém faz (e coloca ou manda colocar nos jornais) entre flamengos vindos de outra parte, e alemães chegados de São Pedro de Alcântara: pois a documentada nacionalidade de todos os que, dali, estirpe por estirpe, foram

residir em Gaspar, está no recenseamento de 1830, já citado, disponível: é apêndice do livro de Jacinto de Mattos, indispensável para quem quer que se ocupe, sinceramente, da imigração em Santa Catarina.

DESCHAMPS — EXEMPLO TÍPICO

Seria este um dos "belgas" também?... Patronímico exclusivamente francês, que em França produziu romancistas, poetas, generais e cardeais, é um caso clássico para explicar migrações e miscigenação. De raízes imemorais francesas, o nome lançou raízes na Bélgica, na Alemanha, no Brasil, notadamente em Santa Catarina. (Vejam-se as listas telefônicas de Florianópolis, São José, São Pedro de Alcântara, Gaspar, Ilhota, Blumenau, Joinville.) Conservo a carta de um pároco alemão, exatamente da região de onde saíram para São Pedro de Alcântara os nossos alemães: afirma já ter trabalhado numa paróquia em que os católicos geralmente tinham nomes franceses! As assim chamadas Guerras de Religião (o tratado da paz de Augsburg é de 1555), a Revolução Francesa (perseguidora da religião, e remember o extermínio dos católicos na Vendéia!) e as Guerras Napoleônicas (que deixaram soldados por toda a Europa) foram, no caso que nos interessa, as causas mais certas da fuga ou do êxodo de muitos franceses para o outro lado do Reno. Nunca mais voltaram. Seus descendentes formaram alemães natos, por gerações. O nascimento, na Alemanha, de Nikolaus Deschamps I, o imigrante, situa-se no ano de 1796, como ainda se repetirá.

Figuram em qualquer bom manual de História da Literatura Francesa os poetas Eustache Deschamps, do século 14, e Emile Deschamps, do século 19. A famosa romancista francesa contemporânea, Fanny Deschamps,

autora de "la Bougainvillée" (sua obra-prima), em carta de 23/7/1984 me confessa que adotou o nome de sua avó materna, gente da Borgonha (histórica região do leste), de onde era seu pai também. Dessa gente, diz ela, "a maior parte eram mestres carpinteiros ou mestres talhadores, e toda uma tribo navegava pelos rios e canais da Borgonha — eles eram barqueiros... Na França, os Deschamps — continua ela — são apenas menos numerosos do que os Martin — o que não é dizer pouco! Só ouvi falar de um Claudius Deschamps, emigrado para a América pelos anos de 1900, mas de quem nunca recebemos nenhuma carta e nenhuma herança de 'tio das Américas'... Gostaria muito de saber que tenho no Brasil alguns primos. Eu me apressaria em ir vê-los por ocasião de algum carnaval no Rio".

Assim, a tão afamada como espirituosa escritora francesa manifesta desejo de conhecer parentes no Brasil, revelando-se embora desligada de preocupações genealógicas. O desejo me parece irrealizável. Mostra, contudo, e mais uma vez, como existem Deschamps por este mundo.

NIKOLAUS DESCHAMPS, UM DOS GRANDES PATRIARCAS DE GASPAR, foi arregimentado, como emigrante voluntário, na Província de Renânia/Palatinado (região Eifel/Hunsrueck, cortada pelo Mosela), em 1828, junto com mais de cem pais de família da mesma região, pelo procurador imperial do Brasil, Major Georg Anton von Schaeffer. Os motivos que despertaram nesses alemães o desejo de emigrar de sua pátria eu procurei expor na monografia "A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina" (lançada por ocasião do sesquicentenário da imigração, 1979). Ajuntando suas famílias e os poucos recursos obtidos com a venda de suas propriedades em terra exaurida, foram encaminhados para o por-

to de Brêmen, norte da Alemanha, a mais de 350 kms de sua região natal, onde, munidos de suas licenças de emigração fornecidas pelo Governo da Prússia, foram embarcados no navio alemão "Johanna Jakobs". No total, eram 523 pessoas, incluídas crianças de colo. No Rio, após agastantes demoras, o Imperial Inspetor da Colonização Estrangeira, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Medeiros, os despachou para o Desterro em dois navios do Governo, o brigue "Luiza", que aportou em 7 de novembro, e o bergantim "Marquez de Vianna", chegado em 12 de novembro. Convém repetir também que a essas famílias foram ajuntadas uma dezenas de elementos também alemães, saídos de batalhões dissolvidos no Rio e no Desterro. Assim, pelo Governo do Primeiro Império e da Província de Santa Catarina destinavam-se à projetada Colônia de São Pedro de Alcântara 675 pessoas ao todo. Não significa isto que todos tenham realmente chegado até àquele sertão. Falecimentos, doenças (disenterias em consequência das condições da viagem) e vária espécie de desânimos outros resultaram em ausências na lista, desistência e dispersão. Ano e meio depois de fundada a Colônia, o já citado recenseamento meticoloso, ali realizado pelo diretor João Henrique Soechting (setembro de 1830), acusava a presença, em São Pedro, de 102 pais de família, algumas pessoas viúvas e alguns adultos sem família, num total de 522 pessoas.

Aos chefes de famílias co-fundadores de São Pedro de Alcântara pertencia Nikolaus Deschamps, alemão nato como os outros. Com sua família fazia parte dos colonos desembarcados do "Marquez de Vianna", que foi o que trouxe para Santa Catarina a maior parte dos alemães. Em tempos imemoriais, seus ancestrais franceses se haviam radicado na região de Duen-

genheim/Hirschfeld, Eifel (Renânia.) Como o recenseamento de 1830 lhe dá a idade de 34 anos, saiu da Alemanha com 32 anos, situando-se em 1796 o seu nascimento. A esposa, Catharina Eich, era da mesma idade. Trouxeram três filhos menores: Nikolaus, Johanna, Peter, que em 1830 tinham, respectivamente, 12, 9 e 8 anos. A esposa veio grávida, tendo-lhe nascido em São Pedro a Catharina, em 2 de novembro de 1829, sete meses depois de haverem subido para o arraial, o que ocorrera em 29 de março.

Em São Pedro, este inteligente lavrador aliou-se depois aos descontentes com as condições e as terras da região, o que o levou, junto com outros, a deixar a colônia. No Vale do Itajaí vislumbrava-se futuro melhor para todos eles. Deschamps instalou-se em Belchior, com lavoura, tornando-se nessa região, o tronco duma estirpe bem numerosa até hoje, rio acima e rio abaixo (Gaspar, Blumenau, Itajaí). O ano de sua saída de São Pedro ainda não foi investigado com exatidão, e quem se ocupa com o estudo das idas e vindas São Pedro-Gaspar desta grande família se expõe a cometer erros.

DESCHAMPS EM SÃO PEDRO, DESCHAMPS EM GARPAR.

Em 1976 e 1977, esta revista publicou estudos sobre esta família e sua ramificação em Gaspar. Talvez o autor possua provas para a afirmação de que Nicolau Antônio Deschamps, neto do patriarca Nikolaus, nasceu em Belchior e foi batizado em Itajaí. Na falta de provas, coloco dúvidas. Peço vênha também para chamar a benévola atenção do autor sobre o termo "quadrineto" que ele usa e que não existe em português. Ele quer dizer tetrane- to, ou tataraneto, como prefere o povo.

O morgado de Nikolaus, o Nicolau Deschamps II, também nascido na Alemanha, casou-se em São Pedro com Luisa Ostermann, a menina com quem ele viera ainda criança nos mesmos dois navios, filha do imigrante viúvo Johann Conrad Ostermann, que trazia consigo mais três filhos, um deles já de maior idade. (Não confundamos este pai de família com Franz G. Ostermann, outro viúvo imigrante em São Pedro, que veio sem filhos). Do citado **matrimônio Deschamps-Ostermann**, nasceu, como primogênito entre vários, o Nicolau Antônio. Este casou-se em Pedro de Alcântara com Gertrudes Kehrig ("Koerich" é corruptela), filha, por sua vez, de outro patriarca imigrante, Estêvão Kehrig (nas/1803) e esposa Catharina Esper, os quais tinham desembarcado com um menino de colo. Godofredo, o primogênito, passageiros também do "Marquez de Vianna", e que subiram para São Pedro de Alcântara em 29/4/1829. Do casamento **Deschamps-Kehrig**, por sua vez, nasceram em São Pedro cinco filhas e um filho. A segunda foi Maria Luisa, depois casada com Adão Nicolau Schmitt, este bisneto de outro afamado genearca, o imigrante, também dos fundadores da Colônia, Johann Peter Schmitt, cuja ascendência varoa consegui trazer dos fundos do século 17 (1645), época da Guerra dos 30 Anos, Veneza lutando contra os turcos e Calderón de la Barca apresentando o "Grande Teatro do Mundo". Deste terceiro enlace, o **Schmitt-Deschamps**, outra numerosa família nasceria, com berço em São Pedro, esgalhada sobre vasta geografia, sobretudo no Estado, mas também sobre outros Estados e para fora: França, Alemanha, Estados Unidos, Venezuela (netos, bisnetos, trinotos de Maria Luisa Deschamps). No entanto, este citado enlace **Schmitt** (Adão Nicolau) com **Deschamps** (Maria Luisa) não foi o único em São Pedro de Alcânta-

ra. Enquanto em Gaspar e alhures filhos e filhas, netos e netas de Nicolau contraíam matrimônio dentro de famílias na maior parte ali radicadas, em São Pedro os descendentes Deschamps, menos numerosos do que em Gaspar (pois somente o Nicolau Antônio ficara residindo em SP), abriram por sua vez outro leque respeitável na colônia-mãe. É que **Augusto**, único filho varão de Nicolau Antônio, casou em São Pedro com **Gertrudes Schmitt** (irmã do Adão Nicolau casado com a irmã de Augusto, Maria Luísa); e **Emília** (outra irmã de Augusto e de Maria Luísa) casou com **Pedro Schmitt** (irmão de Adão Nicolau e Gertrudes). Um pouco para fora desse enlaçamento Schmitt-Deschamps e Deschamps-Schmitt, Catarina e Rosalina, outras filhas do Nicolau Antônio, contraíram união, respectivamente, com Pedro Steffen (depois residindo em Lages) e Antônio Kretzer (Angelina), enquanto Aninha, casada para dentro da família Freiburger, em Biguaçu (e falecida em Porto Alegre), encerrava os enlaces — e todos em São Pedro de Alcântara — das cinco filhas e do filho (varão único) de Nicolau Antônio Deschamps, único dos filhos de Nicolau Deschamps II a constituir família em São Pedro, onde viveu e onde faleceu com apenas 33 anos de idade.

Esta digressão, sem dúvida um tanto familiar, pretende apenas demonstrar, com um exemplo apenas, o liame de chão e sangue entre várias famílias de São Pedro de Alcântara e Gaspar, liame não exclusivo dos patronímicos Deschamps e Schmitt, daquela colônia ramificados sobre Gaspar. (Dos Schmitt, por sinal, saíram de São Pedro quatro irmãos para Gaspar, enquanto os outros cinco ficaram na colônia-mãe ou nas imediações — todos os nove filhos nascidos do consórcio João Adão Schmitt e Ana Maria Bins, ele filho primogênito do já

citado co-fundador de São Pedro de Alcântara, Johann Peter Schmitt, este nascido em Brohl, Eifel, ALEMANHA, em 1971, casado em Forst, na mesma região, ALEMANHA, em 1814). Tais exemplos certos, se multiplicariam, caso em Gaspar ainda outros que descendem dos ALEMÃES fundadores de São Pedro de Alcântara se dispusessem um dia a investigar a genealogia da família. Mas que também em Gaspar algumas pessoas deixem de iludir repórteres, ou estudiosos de boa fê, acerca da origem étnica dos que ali têm sobrenome alemão. É a Bíblia que nos pede "**Não removas os marcos antigos que teus maiores colocaram**". (Prov. 22,28.)

MAIS ENGANOS

Na mesma "Gazeta do Vale" de 19/4/1984, onde a fixação mental de um equivocador "historiador" gasparense descobriu belgas onde nunca houve belgas, isto é, em São Pedro de Alcântara (e dois diários catarinenses lhe repetem a fábula), o mesmo, uma vez solto sobre o declive do erro, deslocou, com o tombo, ainda outras pedras.

a) Afirma que o Dr. Blumenau subiu o rio Itajaí "a primeira vez em 1850", mas ensina, logo a seguir, que Dr. Blumenau subiu pelo Itajaí em 1848.

b) Afirma que a lei provincial nº. 509, de 25/4/1891, criou o distrito de São Pedro Apóstolo de Gaspar. Na realidade, a lei não é de 1891, mas de 1881. Também ela não criou o distrito, mas criou a "freguezia", o que não é a mesma coisa.

c) Afirma que a paróquia de Gaspar sempre esteve subordinada à diocese de Joinville. Esta diocese só foi criada em 1927, enquanto a paróquia de Gaspar existe desde 1861, razão por que esta não podia estar sempre su-

bordinada à jurisdição daquela, mas a senhores bispos de circunscrições eclesiásticas anteriores bem maiores, à medida que, no transcurso dos anos, estas iam sendo subdivididas em menores. Assim, a paróquia de Gaspar, sucessivamente, já obedeceu às (arqui)dioceses de São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, até 1927, quando passou para a nova diocese de Joinville.

d) Afirma que o médico tropicalista Avé-Lallemant era... belga. Tão grande é a "obsessão belga" desse falso historiador, que foi buscar até bem longe da Bélgica, no nordeste da Alemanha, mais um "belga" para a sua coleção. Robert Christian Berthold Avé-Lallemant (com perdão para o seu sobrenome francês) era alemão, nascido em 1812 na cidade portuária de Luebeck, a 15 kms do Mar Báltico, onde também faleceu, em 1884. Este médico turista entendia muito mais de plantas do que de imigração. Andou por Santa Catarina, e deixou dois grossos volumes de memórias sobre o Brasil. Errou ao dar nacionalidade belga até mesmo a compatriotas seus. Não seria conspiração? Daí porque o articulista da "Gazeta do Vale" se compraz em repetir o chute estrábico: para ele, Avé-Lallemant "prova claramente que as famílias (fala genericamente) estabelecidas em Gaspar procediam da Bélgica." Claramente! E as provas?

ERROS PARA ALÉM DA NOSSA GEOGRAFIA

Se no capítulo Imigração Alemã em Santa Catarina repórteres, jornalistas, viajantes europeus e até historiadores dão por paus e por pedras, não está sozinho o articulista da "Gazeta do Vale". Há poucos meses, imprimiu-se em Blumenau um caderno intitulado "As Colônias de Santa Catarina"; trata-se duma pequena seleção de pá-

ginas extraídas da volumosa obra sobre o Brasil escrita pelo suíço Johann Jakob von Tschudi, meio cientista, meio historiador, meio **glo-betrotter**, e publicada em Leipzig há 120 anos passados. Não li todo o caderno, enviado com dedicatória por um historiador amigo. O que li já basta para credenciar esse "historiador" von Tschudi! Referindo-se aos moradores às margens do Itajaí na altura de Gaspar, o viajante suíço escreve: "Aqui se inicia a antiga colônia alemã que foi fundada em 1827 por algumas famílias de alemães importadas ao Brasil (sic) pelo Major von Scheffer (o nome exato é Schaeffer), por ordem do Imperador D. Pedro II." Assim von Tschudi chuta a História. Em 1827 ainda não havia ali alemão algum, e a colônia alemã primeira em Santa Catarina foi a de São Pedro de Alcântara, em 1829 fundada. Quanto a D. Pedro II, estava com dois anos de idade em 1827... Podia importar alemães "ao" Brasil? Páginas adiante, ao se referir à Colônia de São Pedro de Alcântara, põe a data correta, mas continua jurando honras ao menino então com 4 anos, futuro D. Pedro II, em vez de prestar vassalagem ao ilustre pai D. Pedro I, o que promoveu a vinda desses colonos. Um pouquinho mais perto temos o historiador Paulo Fernando Lago, que em seu livro "Santa Catarina" (Florianópolis, 1965) insinua sem pestanejar que os colonos alemães (e ainda bem!) vindos para São Pedro de Alcântara eram católicos de Brême... Na verdade, e reportando, eram naturais de uma região mais de 350 quilômetros distante de Brême, cidade até hoje quase exclusivamente luterana, onde teria sido impossível arregimentar tantos católicos de uma vez.

Há três anos publicou-se na Alemanha (Edit. A. F. Koska, Viena-Berlin, 1986) o livro talvez mais recente

dos inumeráveis escritos por alemães sobre a colonização germânica no mundo. "Brasilien die Neue Welt" (**Brasil o Novo Mundo**) é obra de parceria respeitável, escrita por alemães e brasileiros (do Rio Grande do Sul), em que um capítulo sobre a imigração alemã, escrito por um alemão, dedica escassas 4 páginas a Santa Catarina (419-422). Depois de um conto sobre índios, nossa imigração fica assim resolvida: "O começo da colônia alemã em Santa Catarina começa no ano de 1826 (!), primeiro com a fundação de Torres (?), mais tarde rebatizada como San Pedro de Alvantara". Pelo visto, ainda foram gaúchos que fundaram São Pedro de Alcântara...

Fantasia mesmo, nada inferior às que acabei de citar, encontra-se em "Alltag in Brasilien" (**O dia-a-dia no Brasil**), de Carl D. Goerdeler (Edit. Econ, Duesseldorf-Viena — Nova Iorque, 1988), onde assim se descreve a viagem pioneira do Dr. Blumenau: "O farmacêutico diplomado e auto-didata Dr. Hermann Blumenau sobe o rio Itajaí, com seu amigo Ferdinand Hackrath e dois caboclos. Remam encostados à margem, ao abrigo da cobertura verde dos gigantes da floresta. O rio, largo como o Reno, corre devastador por sobre rochas e penedias, e das espessas sombras saem a martelar-lhes os ouvidos os berros, silvos, bramidos, estalos e chiados de todas as criaturas selvagens que povoam a mata inextrincável. A cada curva do rio, descortina-se novo panorama da natureza idômita. A fertilidade da terra nos trópicos parece sem limites. Os dois alemães, presas a um tempo de pavor e de esperança, vão penetrando assim pelas incultas glebas sul-brasileiras, em busca de chão para os seus patrícios, até que de súbito estrepitosa catarata lhes barra o caminho..." E paremos por aqui também nós. Em que trecho do Itajaí estaria

essa cascata? E que vozes da mata seriam aquelas, denunciando presença de onças, cobras, macacos e certamente jacarés? Falta a foto da descrita floresta tropical, nas margens de um rio já então cultivadas por colonos, ali fixados bem antes de o Dr. Blumenau chegar. Estamos diante duma literatura de total imaginação, essa que o turista escritor europeu, com honrosas exceções, costuma fabricar, e encontra editores que conhecem seu mercado. Ao arrepio da realidade, todas estas paragens brasileiras, que para muitíssimos do lado de lá só continuam conhecidas pelo nome genérico de "Urwald", **very exciting**, empolgam a fantasia desses "romancistas" nos arrebolos da doce mentira literária. Um Karl May, um Bernardin de Saint-Pierre, um Rudyard Kipling, e outros tantos, já não exploravam também o tenebroso romantismo das selvas, em outras geografias?

Na antológica amostra, mesmo assim relativamente modesta, que traduzo de um belo livro alemão, dir-se-ia o Dr. Blumenau enredado em aventura feroz no mais fundo da Amazônia. E que fim teriam levado todas aquelas rochas cortantes e medonhas no meio do rio Itajaí, produzindo corredeiras fatais, no torvelinho das espumas escachoantes, no sonho de Goerdeler, permitindo mesmo assim que a canoa do Dr. Blumenau, "Stalone" impávido levado pela torrente, não se despedaçasse, em final homérico, contra os penedos? O rio Itajaí deslocou-se para o Amazonas.

Enfim, são devaneios compreensíveis em escritores românticos e turistas empolgados pela "Mãe Natureza". Eu soube o que é esta tentação, quando, sobre a paisagem bravía do Canadá, onde nunca estive, precisei encaixar a história doce duma índia santa — um infante-juvenil depois lançado pelas Edições Paulinas "Tecavita",

6a. edição, 1988). Mas incompreensível é fantasiar sobre dados históricos, secos por natureza. Mais secos, pelo menos, do que uma cachoeira romântica. Por exemplo, a Imigração em Santa Catarina.

Não estudei a história da cidade e do município de Gaspar. Meu interesse, também sentimental, está em corrigir erros, talvez já incorrigíveis, lançados na imprensa (desorientada por quem?), com relação à nacionalidade ou descendência puramente germânicas de ancestrais meus e parentes meus, que saíram de São Pedro para se estabelecerem no Vale do Itajaí, o que atinge, de igual, todas as famílias alemãs que acompanharam no êxodo os Schmitt e os Deschamps.

Num trabalho seguinte, e ainda em tempo, voltaremos a São Pedro de Alcântara, para evocar os 160 anos desta primeira comunidade alemã em Santa Catarina (1829-1989).

FONTES HISTÓRICAS

para a primeira imigração alemã em Santa Catarina (1829).

1. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva (Arcipreste Paiva): MEMÓRIA HISTÓRICA SOBRE A COLONIA ALLEMÃ DE S. PEDRO D'ALCANTARA, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1848, páginas 197-203.

2. Jacintho Antonio de Mattos (engenheiro agrônomo, inspetor agrícola): COLONISAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916), typ. "O Dia", Florianópolis, 1917. Trata da história de

São Pedro de Alcântara nas páginas 37 a 61. Obra fundamental.

3. Gottfried Entres, GEDENKBUCH ZUR JARHUNDERTFEIER DER DEUTSCHEN EINWANDERUNG IN SANTA CATARINA, Florianópolis-Stuttgart, .. 1929.

4. Walter Piazza, SANTA CATARINA: SUA HISTÓRIA, Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1983, 748 páginas. A Colônia de S. Pedro de Alcântara vem historiada em duas sucintas páginas, com dados corretos.

5. Elzeário Schmitt, OFM, A PRIMEIRA COMUNIDADE ALEMÃ EM SANTA CATARINA, Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1979 (no Sesquicentenário da Imigração Alemã), 50 páginas. Separata do cap. III do livro "A Casa dos Jasmins — Crônica de uma Família Catarinense", 147 páginas, Brusque, 1975.

6. Karl H. Oberacker Jr., DER DEUTSCHE BEITRAG ZUM AUFBAU DER BRASILIANISCHEN NATION, São Leopoldo RS, 1978 (3a. ed.), 579 páginas.

7. A correspondência do autor com o "Institut für Auslandsbeziehungen", Stuttgart; com o "Staatsarchiv" de Brèmen; com o Dr. Heins Friedrich, da "Zentrastelle für deutsche Personen und Familiengeschichte", Frankfurt; com o Arquivo da Diocese de Trévis (Renânia); com párocos da região de Trévis e do rio Mosela.

Nota importante. Os relatos dos viajantes Johann Jakob von Tschudi (suíço) e de Robert Christian Berthold Avé-Lallemant (alemão), talvez agradáveis de ler, embora prolixos, publicados em grossos volumes na metade do século passado, contêm erros históricos. Não são historiadores.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial Blumenauense

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

O INIMIGO DOS "CHUTES"

Policarpo Quaresma, o mais célebre personagem de Lima Barreto, não apenas sustentava que o **tupi** deveria ser a língua nacional, como se bateu por todos os meios disponíveis pela sua adoção. As consequências desse procedimento insólito foram as mais graves, desde perseguições de todo tipo até a condenação à morte, enquanto via, amargurado, o português imperar soberano como idioma oficial.

HERMES JUSTINO PATRIANOVA, escritor catarinense, só tem um ponto de afinidade com o infelizmente personagem limabarreteano — a devoção pela língua **tupi**, ainda que sua biografia registre algumas perseguições, felizmente por outros motivos, e só mereça aplausos pelo que vem fazendo.

Consciente de que a memória brasileira da língua de nossos avós indígenas estava desaparecendo, como em tantos outros capítulos do conhecimento, além de ser vítima dos equívocos de muitos de seus falsos cultores, dedicou longos anos da vida ao estudo do **tupi** e das denominações atribuídas pelos índios às coisas brasileiras. O resultado foi a elaboração lenta, meticulosa e pensada da obra "Topônimos Brasileiros, com tradução dos de origem indígena", em oito alentados volumes, até hoje inédito. Apesar dos esforços do autor junto a órgãos públicos e privados, o livro não conseguiu editor, em que pese sua evidente importância.

Enquanto aguarda quem o publique, numa espécie de explicação preliminar, lançou o autor o "Pequeno Livro" (Edição do Autor Florianópolis — 1986), cujo objetivo maior é dar uma idéia dos princípios que nortearam o seu trabalho e os métodos que adotou na elaboração do livro de que este é apenas o prenúncio. Mas, para fugir à aridez do tema, recheou-o de pequenos poemas, pensamentos e crônicas, quase sempre relacionados ao assunto, não faltando nem mesmo reminiscências biográficas. O resultado foi um livro diferente, indefinível, **sui generis**, onde avultam as angústias e os anseios do pesquisador que pode, às vezes, ser polêmico, mas é sempre sério e sincero nas suas conclusões.

A primeira observação que se impõe é o repúdio do autor a qualquer tipo de "chute", isto é, para ele as coisas têm que ser lógicas ou assentar-se sobre bases sólidas, tanto melhores quando indiscutíveis. Discorda, por isso, de outros estudiosos, cujos erros, equívocos e simplificações não titubeia em apontar. "Podemos garantir — diz ele — que não atiramos no escuro ou sem boa pontaria: chegamos a conclusões pela lógica, diante de fatos irretorquíveis ou apelando para a Etimologia das palavras, onde se concentram grandes verdades lingüísticas."

ticas, que escalpelamos, geralmente, em todos os seus termos componentes, até ao desvendamento dos mais recônditos segredos". Noutra passagem, acentua: "Da forma que vinha (e vem) acontecendo, dentro de muito pouco tempo não mais teríamos notícia correta da Língua Tupi. A grande maioria dos Autores, a chutar com tanta violência, acabaria como os mais profundos sinais do belo Idioma dos Tupis".

E assim, com visão crítica e olhar agudo, assume as posições de um Aldrovando Cantagalo, o defensor implacável do falar indígena. Não lhe escapam sumidades locais, regionais ou nacionais, cujas violações, conscientes ou não, se revelam ao peso de sua análise. Surgem, então, as curiosidades e as correções de fatos tidos e havidos como corretos e que, no entanto, não o são. Algumas de suas conclusões, como era de esperar, encontraram resistência e provocaram debates, o que não impediu que as sustentasse com cerrada argumentação.

Vejam os alguns exemplos. Muitas palavras tupis, classificadas pelos dicionaristas como de outra origem (grega, árabe, malaia, francesa, latina), foram por ele reconhecidas como genuinamente tupis: banana, batata, cachimbo, chicara, charque, charuto, churrasco, coivara, colibri, garimpo, gaúcho, jabá, laranja, manga, tabaco, etc.

Camboriú, segundo o pesquisador, é a corruptela de Camburiu e Balneário Camburiu. Significa "recipiente de mamar" ou "mama", com que os índios identificavam o local em virtude da semelhança do Morro de Camburiu, corrompido para "Rio do Camuri" (onde acaba o rio), com um seio feminino. Não sei se a versão procede, mas a semelhança salta aos olhos. Em abono de sua tese, cita o autor outros casos análogos, existentes na geografia nacional.

Para terminar, a mais conhecida de suas conclusões, e certamente a que provocou maior discussão. Itajaí — sustenta — significa "Rio do Jaó de Pedra" ou "Rio da Pedra Jaó", adulterado para Rio dos Taiás, Rio das Pedras, rio que corre sobre pedras, rio da pedra lascada. Provém o nome, diz o autor, do pássaro de pedra conhecido como Bico do Papagaio, situado à margem da via Itajaí-Cabeçudas, que "a Mãe Natureza ergueu à beira da estrada". Também são copiosos os argumentos que alinha.

O livro, porém, tem muito mais. Merece ser lido. Foi feito com capricho e dedicação, como proclama o próprio autor na singeleza destes versos:

"O que merece ser feito,
Tem, além do seu valor,
Motivo de ser perfeito.
De ser feito com amor!"

Entre os lançamentos do período, merece referência "Blumenau — 90 anos de memória", magnífica publicação ilustrada, realização conjunta da ACIB e da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Um livro primoroso, indispensável para quantos se interessam pela Cidade Jarins, suas

lutas e vitórias, e também aos que apreciam os temas históricos. Não pode ser esquecida ainda a coletânea "Ciclo de conferências sobre as relações Brasil e República Federal da Alemanha", cujos trabalhos foram coordenados pelo poeta e escritor Roberto Diniz Saut, também autor da apresentação.

Estão circulando mais um número do Suplemento Cultural "A Ilha", publicado em Joinville pelo escritor e poeta Luiz Carlos Amorim, e a "sanfona" n.º 9 de Edições Ipê, também de Joinville, reunindo poemas de Marcos Laffin, sob o título de "Seis luas de solstício".

As Livrarias Catarinense promoveram os lançamentos de "Os heróis vencidos", primeiro volume das obras completas de Dias Gomes, e "Código de ética médica comentado", de Leo Meyer Coutinho, ambos em sua loja da Rua Deodoro, em Florianópolis.

Teve início o "Projeto Letra Viva", no Centro de Cultura de Blumenau, reunindo o escritor Roberto Diniz Saut e a poeta Salete Delourdes, quando ambos falaram sobre sua obra e a declamaram. A promoção foi do Departamento de Cultura, Fundação "Casa Dr. Blumenau" e do Centro Acadêmico de Letras da FURB e deverá se repetir com a participação de outros nomes das artes e letras.

Realizou-se no Teatro Carlos Gomes o "3.º Festival Universitário de Teatro de Blumenau", com o apoio de várias entidades, públicas e privadas. A Fundação Cultural de Pomerode realizou a "2.ª Coletiva de Artistas Plásticos", com a participação de dez artistas locais das mais variadas escolas e tendências. Foi realizado, no recinto do Bela Vista Country Club, em Blumenau, o "I Leilão de Arte Bela Vista", com a oferta de obras de inúmeros artistas e com grande sucesso.

A artista plástica e advogada Lygia Helena Roussenq Neves, liberta dos liames burocráticos, está de volta a Rio do Sul, onde se dedica de corpo inteiro à sua obra de criação, tentando recuperar um tempo que desejava gastar no interesse público mas que, por certo, reprimiu e retardou o avanço de suas realizações pessoais.

O Rieger Apart Hotel, de Balneário Camboriú, é um caso único: além de bela galeria para eventos culturais, é um dos pouquíssimos hotéis brasileiros que dispõe de biblioteca para os hóspedes.

Pensamentos

- Só a morte escurece a lâmpada da sabedoria que existe em nós.
- Deixe que a terra leve o que é dela, pois eu, homem, não terei fim — Gilbran.
- Quando aceitamos uma opinião valiosa, damos um passo à frente.
- Dormindo só conseguimos sonhos e não vitórias.
- Nada é inútil na natureza. A menor flor e o mais humilde animal tem ambos seu lugar e sua razão de ser na obra da criação!
- Quanto mais se guarda o coração no cofre, mais ele se desvaloriza — Neimar

As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESER, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA — MATÉRIA TRANSCRITA DO LIVRO DO MESMO AUTOR SOB O TÍTULO "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(continuação do nr. anterior)

"Eu não arrisco muito afirmando aqui que este bom dinheiro foi empregado num pedaço de papel absolutamente sem valor, tanto como pela aplicação de um método de deluição de manteiga, de duvidosa forma; foi, a meu ver, dinheiro jogado fora. Para Blumenau foi uma perda total no momento em que o senhor "X" guardou o cheque em sua carteira.

2. — Capital de Construção

A próxima preocupação era a compra de um terreno para a construção da fábrica. Relativo a este problema a diretoria tinha que sozinha tomar a decisão. Com tal banalidade o sr. "X" não se preocupava, ao contrário, via com satisfação a discórdia que já começava a reinar. Ninguém tinha idéia de como e onde deveria ser instalada esta fábrica e que correspondia à necessidade de uma ordenhadora.

Assim, começava a discórdia com a procura de um terreno adequado. Um conselho técnico nem foi procurado ou mesmo sugerido e se isto acontecia era feito mais por educação do que por lógica. "Nós precisamos fazer de Blumenau um centro industrial e desta forma a fábrica precisa ser instalada no centro" — era o que diziam. Outros já vinham direto dizendo que os interesses dos in-

vestidores tinha que ser respeitado. Como já foram procurados como contribuidores, tinham o direito também de fornecer o material para a construção, etc.

Algumas pessoas mais entendidas queriam que a fábrica fosse instalada na colônia porque ouviram dizer que nenhuma hipoteca podia ser assumida sobre o mesmo e o arrendamento era terminantemente proibido. O fiscal federal da via férrea que tem o direito de fiscalizar as determinações. Apesar de tudo, a construção prosseguiu. A fábrica ocupava cerca de 600 metros quadrados, com uma visão jovial; uma construção sólida e a divisão interna bem planejada. O capital destinado à construção não foi ultrapassado. Se a fábrica funcionasse bem então as condições, bastante rigorosas do governo federal, não importavam, caso o negócio não desse certo, porque então os 30 contos de réis seguiriam o mesmo caminho que os primeiros do capital de ações. Infelizmente o último aconteceu.

O capital para o maquinário

Neste capítulo da tragédia entra novamente em cena o sr. "X" como ator principal. Ele queria fazer negócios e eu seria a última a condená-lo por isto. Sabendo que além de minha insig-

nificante personalidade ninguém poderia dizer o que devia ser adquirido em máquinas e acessórios para a instalação desta fábrica, como já havia instalações em Minas Gerais. E então o sr. "X" fez a proposta esclarecedora de que ele seria a pessoa indicada para fazer a compra, já que eram produtos importados e não havia pessoa melhor indicada para esta compra. Para isto, assumiria com a reconhecida firma em Minas Gerais, a solidária responsabilidade para a melhor e mais rápida liquidação do negócio.

Verdade seja dito: o que o sr. "X" uma vez fazia, o fazia bem feito e este negócio também deslizava suavemente para suas mãos. Uma soma bastante razoável também coroava de êxito a sua segunda visita à cidade de Blumenau.

A condição era a aquisição do maquinário na Alemanha, o que também aconteceu. O maquinário pedido foi no entanto mal escolhido, no que se refere ao número de máquinas e seu tamanho e também a respeito de acessórios não foi pensado. Eu fui o instalador dos aparelhos e totalmente dependente de meus próprios conhecimentos e muitas vezes me fiz presente junto ao presidente da sociedade para obter informações sobre espécie, tamanho, quantidade e data de chegada, mas ele cada vez respondia que não tinha informação nenhuma. Além disto, ele nada tinha que ver com o assunto, porque o sr. "X" e o sr. "Y" estavam autorizados a cuidar deste assunto. No Rio de Janeiro, provavelmente na alfândega, já haviam sido abertas todas as descrições ou informações sobre o uso e instalação do e-

quipamento destinado a Blumenau, e assim provavelmente tenham sido desviadas. Desta forma, a montagem foi demorada.

Bem no fundo, acreditava eu que já agora começava a boicotar a fábrica de manteiga de Blumenau, supondo eu naturalmente que o sr. "K" teria que entregar a direção e declarar-se impossibilitado de terminar a instalação. Mas isto não acontecia, pois eu me empenhei de coração na instalação que até os mínimos detalhes foi feita, para que tudo corresse bem. Tenho a satisfação de ter cumprido meu dever, apesar de todas as dificuldades.

A fábrica está instalada em 12 ótimas e iluminadas salas: recebimento e entrega do leite, preparo da manteiga, sala centrífuga, sala de fusão e homogenização, retirada da nata, preparo definitivo da manteiga, funilaria, empacotamento, sala de máquinas, escritório, laboratório e sala de conferência. Incluía-se, outrossim, uma grande sala para armazenamento da manteiga, mais um almoxarifado e sala de lavagem. Tudo estava feito em metal brilhante ou pintura branca.

O Ministério de Agricultura do Rio de Janeiro, pediu fotografias de cada sala e vista geral da fábrica. O resultado dado pelo Ministério foi satisfatório.

Infelizmente, no que se refere ao maquinário, a grande surpresa veio. Após longos meses de espera os srs. "X" e "Y", apresentaram, do Rio de Janeiro, uma conta na qual a aquisição do material ultrapassava em 50% a soma fornecida anteriormente. Junto ainda somava-se a despesa de montagem.

4) — Capital de giro

Quando a 1.º de outubro a fábrica devia ser aberta, constatou-se que os 120 contos de réis do capital de ações haviam sido gastos.

Este desastre seria ainda superável, pois os acionistas estavam dispostos a repor o capital necessário. No entanto, para maior desgraça, quando se festejava o dia da abertura da fábrica, veio a catástrofe da enchente e destruiu assim todas as esperanças dos investidores.

5) — Negócio é assim

Nos capítulos anteriores, não pude seguir os acontecimentos cronologicamente. Portanto, volto um pouco atrás para dizer que o sr. "X" começava a cansar-se de Blumenau. No dia em que o vapor "Max" partia, o dia anterior, o sr. "X" apressou a realização da sua última reunião com toda a diretoria, em vista de ele ter ainda um "pequeno problema" a resolver. Pensando lógico, o sr. "X" dizia para consigo mesmo, que não havia razão de dúvidas do bom funcionamento da empresa; e era certo do futuro sucesso; na mesa do café da manhã bem cedo começou o estudo do segundo ato.

Senhor "X" garantiu a pronta venda da manteiga a 4\$000 por quilo, posta no Rio. Esta venda extraordinária ele garantia baseado numa propaganda intensa que pretendia fazer. Contava-se com uma entrega diária de 500 quilos de manteiga para o preparo, conforme o novo método. A despesa global seria de \$800 réis por quilo. Assim, em cada quilo bruto, o ganho seria de 1\$400 réis, quando a compra era feita com 1\$800 réis.

Calculado em diária, chegava-se ao ganho de 700\$000 mil réis.

"Um ganho bruto como este não agradaria os blumenauenses; portanto vou pedir mais 230 réis para minha propaganda" — pensava o sr. "X". Dito e feito. Os leiteiros blumenauenses já se sentiam milionários, apesar de uma pequena dificuldade: aceitar e reconhecer um enorme desenvolvimento como este e o crescimento tão rápido de sua conta bancária. Por esta razão, não queriam mostrar-se mesquinhos com relação a uma bagatela de 230 réis e a exigência do Sr. "X" foi aceita. Assim, chegaram sem discussão ao seguinte: seria pago a senhor "X" de cada quilo de manteiga a sair da fábrica, a importância de \$230 réis. O que esta bagatela viria a ser podemos calcular de imediato. Numa soma de 500 quilos de manteiga preparada com o suor dos blumenauenses, seria entregue a srs. "X" ou o sr. "X", o que vem a ser o mesmo, a importância de 50.000 marcos anuais. Isto se chamava no Rio de Janeiro, ganhar dinheiro.

Realizado com sucesso também este golpe, o sr. "X" deixou a cidade rapidamente, oferecendo seus préstimos para o futuro em outros negócios.

O vapor "Progresso" o transportou para longe das vistas dos blumenauenses.

Sobre a organização da fábrica

Não preciso utilizar muitas palavras, em torno da organização da fábrica, porque ela não existia. Com a constituição da sociedade, de acordo com as leis vigentes, após a legalização dos contratos com o sr. "X" e

srs. "X" e minha insignificante pessoa, mais as conversações com o governo sobre a localização da mesma, a diretoria cumpriu seu dever. O sr. presidente fez uma viagem de recreio para a Alemanha, onde permaneceu por dois anos.

Também seu sucessor partiu algumas semanas mais tarde, após ter passado o cargo a um senhor já bastante idoso, que não estava mais preparado para assumir tal responsabilidade. Eu estava sozinho, presente, quando foi feita a primeira escavação à pá para a edificação da fábrica. O sr. arquiteto, vendo que o negócio também seguia seu caminho sem sua presença, estava mais interessado em outros projetos melhor remunerados e em pouco tempo a construção estava toda em mi-

nhas mãos.

Para onde levaria uma tão negligenciada concepção de que seria esta fábrica que deveria ser modelo no sul do Brasil e salvar a economia do município de Blumenau? Que deveria ser a pérola do Estado de Santa Catarina? Isto eu não compreendia.

Mas, certo dia, aconteceu o inevitável e perguntavam: — De onde obteremos o leite? E quanto deveremos pagar? Como regular o fornecimento? Será transportado em carroça, ou pelo trem? Como seria o aproveitamento dos produtos subsalentes, ou subprodutos?

A questão de empregado, a venda do gelo, encurtando a estória, relativo a isto, muito tinham que fazer.

(continua no próximo número)

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (II)

Pe. Antônio Francisco Bohn

O livro de Tombo nº. 1 da Paróquia São Paulo Apóstolo registra uma parte da história eclesiástica não só da cidade de Blumenau, como também de toda uma vasta região a ela subordinada. A partir do termo nº. 43 os registros são assinados pelos padres franciscanos que assumiram a paróquia em substituição do Pe. Jacobs. Os termos são anotações referentes à atividades, bênçãos, provisões, etc...

Termo 43: Termo de bênção do cemitério do lote nº. 19 de Jaraguá (5.5.1893). Registro de 15.5.1893.

Termo 44: Termo de bênção do cemitério na povoação nº. 33 de Jaraguá (11.5.1893). Registro de 15.5.1893.

Termo 45: Termo de bênção da capela do Sagrado Coração de Jesus no Caminho dos Tiroleses (24.6.1893). Registro de 1.9.1893.

Termo 46: Actus testimonia-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

lis erectionis Viae Crucis na capela nova de Rodeio (15.5.1893). Registro de 1.9.1893.

Termo 47: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na Capela de Santa Maria Madalena (15.5.1893). Registro de 1.9.1893.

Termo 48: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela da Mãe Dolorosa em Pommersstrasse (15.5.1893). Registro de 1.9.1893.

Termo 49: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela nova do Sagrado Coração de Jesus no Caminho dos Tiroleses (23.8.1893). Registro de 1.9.1893).

Termo 50: Termo de bênção da capela de São José em Tigerbach, Rio Benedito (20.2.1894). Registro de 13.4.1894.

Termo 51: Termo de bênção da capela Santo Estevão, em Jaraguá 31 (3.5.1894). Registro de 17.5.1894.

Termo 52: Termo de Bênção do cemitério em Jaraguá nº. 123 (3.5.1894). Registro de 17.5.1894.

Termo 52a: Termo de bênção da capela Santo Antônio em Pommersstrasse (28.5.1894). Registro de 31.5.1894.

Termo 53: Termo de bênção da capela São Virgílio em Rodeio 50 (29.5.1894). Registro de ... 31.5.1894.

Termo 54: Testimonium erectionis Viae Crucis na capela São Virgílio (29.5.1894). Registro de 31.5.1894.

Termo 55: nada consta.

Termo 56: Termo de bênção do cemitério de Rio Carolina (2.9.1894). Sem data de registro.

Termo 57: Termo de bênção do cemitério na povoação Tiger-

bach (4.11.1894). Sem data de registro.

Termo 58: Termo de bênção do cemitério na povoação nº. 9 em Travessão do Tigre (4.11.1894). Sem data de registro.

Termo 59: Termo de bênção do cemitério na povoação de Massaranduba nº. 89 (21.1.1895). Sem data de registro.

Termo 60: Termo de Bênção do cemitério em Sete de Janeiro (28.2.1895). Sem data de registro.

Termo 61: Testimonium erectionis Viae Crucis na capela nº. 89 de Massaranduba (5.5.1895). Registro de 7.8.1895.

Termo 62: Nada consta.

Termo 63: Termo de bênção do cemitério em Escalvado (23.7.1895). Registro de 7.8.1895.

Termo 64: Termo de bênção do cemitério na povoação de Braço do Norte de Massaranduba (28.7.1895). Registro de 7.8.1895.

Termo 65: Provimento da visita pastoral de Dom José de Camargo Barros, bispo de Curitiba em 4.9.1895.

Termo 66: Provisão de Dom José em favor de Fr. Zeno para atender a paróquia de Gaspar em 3.9.1895.

Termo 67: Cópia da carta do superior dos franciscanos ao bispo de Curitiba, solicitando providências quanto à atuação nas paróquias atendidas pelos mesmos. Consta a resposta do Sr. Bispo concedendo as faculdades pedidas. Registro de 12.11.1895.

Termo 68: Concessão de faculdades, solicitadas ao Sr. Bispo. Registro de 3.12.1895.

Termo 69: Cópia da carta do superior dos franciscanos solici-

tando algumas faculdades aos frades. Consta também a resposta do Sr. Bispo concedendo-as.

Termo 70: Portaria do Sr. Bispo Dom José Pereira da Silva Barros, bispo do Rio de Janeiro autorizando os franciscanos a dirigirem o colégio deixado pelo Pe. Jacobs. Datada de 21.10.1892.

Termo 71: Provisão do bispo do Rio de Janeiro nomeando coadjutores para a paróquia. Datada de 21.10.1892.

Termo 72: Provisão de pároco em favor de Fr. Zeno Wallbroehl concedida pelo bispo de Curitiba. Datada de 3.9.1895.

Termo 73: Pedido de Fr. Zeno ao Sr. Bispo solicitando faculdade para admitir evangélicos na comunidade católica. Concedido em 4.9.1895.

Termo 74: Solicitação de inúmeros pedidos ao Sr. Bispo por parte de Fr. Zeno. Concedidos em 19.9.1895.

Termo 75: Dom José de Camargo Barros faz a doação de parte do terreno da paróquia aos padres franciscanos em 20.7.1895.

Termo 76: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jacob Morsch e Herminia Ploethon em 5.1.1896.

Termo 77: Provisão de vigário encomendado, em favor de Fr. Herculano Limpinsel em ... 21.1.1896.

Termo 78: Portaria do Sr. Bispo dando a posse de Fr. Herculano por três meses. Datada de 27.4.1896.

Termo 79: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Manoel Pereira e Theodora de Jesus em 4.3.1896.

Termo 80: Pedido de Fr. Herculano ao Sr. Bispo solicitando autorização para levar o SS. Sacramento como viático. Concedido em 1.7.1896.

COLONIZAÇÃO/IMIGRAÇÃO

Sobre o caráter alemão no sul do Brasil

(Conclusão do nº. anterior)

A vida social dos alemães caracteriza-se através dos inúmeros Clubes e Sociedades, etc. nos quais se reúnem. Também no Sul do Brasil acontece o mesmo. Em todos os lugares nas cidades e colônias encontramos sociedades diversas. Em primeiro lugar são fundadas sociedades de canto. Os alemães gostam de cantar. A estes aliam-se as sociedades de Caça e Tiro, Ginástica, sociedades beneficentes, auxílio a doença, Teatro e dança. Enfim inúmeras sociedades, às vezes, demais que de menos, bem como aqui na Alemanha.

Estas sociedades são quase sempre compostas de alemães e tento-brasileiros. Assim os costumes e hábitos alemães são passados de geração para geração.

Os brasileiros desconhecem sociedades como nós o temos. Não existem, a não ser clubes para dançar e as Sociedades carnavalescas. No que se refere a clubes de dança eu me refiro ao que eu vi em Porto Alegre. Ali no Clube Comercial se reúne a melhor sociedade da cidade uma vez por mês nos salões luxuosamente decorados para um baile. A festa é arranjada e di-

rigida por dois diretores. Estes por sua conta cuidam pelo bem estar dos sócios oferecendo café e doces. Num salão contíguo está exposta uma longa mesa com chécaras e doces de toda qualidade. Cada um pode se servir a vontade. Os homens também bebem uma garrafa de vinho no restaurante mas não muito freqüente. Assim acontece no Club Comercial há alguns anos passados e continua na sociedade brasileira. Um bom jantar coletivo, ou um Souper com vários amigos ou parentes não se conhece no meio brasileiro. Mas isto ainda acontecerá, o Club Comercial já começou. Os sócios alemães introduziram seu costume pátrio e os brasileiros copiam. O brasileiro em geral parece encontrar satisfação na vida social alemã. As pequenas festas do Club Ginástica e Caça e Tiro de Porto Alegre sempre recebem muitos visitantes.

A vida social fora das Sociedades, Clubes etc. é tanto nas colônias como nas cidades amplamente desenvolvido. Hugo Zöller o descreve em seu livro da Colônia Joinville da seguinte maneira: Estranhamente forte, talvez um pouco forte demais é a vida social em Joinville. Domingos de manhã bem cedo chegam os colonos da redondeza à cidade, montados a cavalo, quando mulheres e moças, talvez por falta do selim feminino, montam igual aos homens que parece feio. Depois da missa vão para beber uma cerveja, tiro ao alvo, jogo de billard e dança. Os donos de bares se revezam, um domingo um, outro domingo outro e assim por diante. Para a sociedade melhor tem ao mesmo tempo café e doces, concertos, bailes e teatro amador, que longe de elogios vazios, é muito bem interpretado.

Os acima citados folguedos aliam-se a festa da igreja, quermesse que sempre é muito bem visitada.

Uma coisa os tento-brasileiros a-

ceitaram dos brasileiros, em festa pública, a queima de fogos de artificios e o estouro de foguetes. Para todas as ocasiões, chegada de um novo Presidente, casamentos, eleições, coleta de dinheiro para qualquer festa da igreja no Brasil estouram foguetes. Este costume também passou para os circulos alemães, não trazem prejuizo a eles portanto que os alemães do Sul continuem a soltar foguetes.

Certas casas especializadas em cervejas e vinho existem poucas nas cidades brasileiras. Nos armazéns aqui do Brasil, numa pequena sala nos fundos se reúnem as pessoas para tomar cerveja ou uma garrafa de vinho. Os alemães já se acostumaram a este hábito que restaurantes mais finos sentem a concorrência. Quem não quer freqüentar estes botecos, pode ir aos inúmeros bons hotéis, onde encontram ótima cozinha e também bebida. Os armazéns brasileiros também já instalaram este reservado para bebericar. Também com o boliche, começam os brasileiros a sentir prazer nesta diversão. Em relação as atividades sociais o alemão do Sul se não tem ambições muito elevadas, vai encontrar quase tudo que estava acostumado na Alemanha. A gente é bem recebida no meio alemão e encontra-se pessoas de idéias comuns com os quais pode manter uma relação duradoura.

Com toda e qualquer vinda de novos imigrantes alemães para o Brasil especificamente o Sul, o caráter alemão, usos e costumes, são novamente fortalecidos.

Nos três campos como comércio, indústria e agricultura os alemães estão acima dos brasileiros com excessão da indústria do xarque. Todo o comércio de importação no Rio Grande do Sul bem como em Santa Catarina, encontra-se nas mãos dos alemães e a isto se deve, que anualmente mais

é mais artigos alemães são consumidos. No Sul o alemão exige mercadoria alemã tributando assim seu respeito a pátria enquanto na América do Norte se exige produto americano, tornando-se concorrente da indústria alemã e prejudica assim sua pátria.

De muitas formas o comerciante influenciou a vida comercial brasileira. Somente após o florescer do comércio alemão instalaram-se lojas modernas onde antigamente existiam casas de comércio feias e sem vitrine.

Mais importantes são os alemães na agricultura. Antes das instalações das colônias mal se podia falar em agricultura, mas agora já uma grande parte das florestas virgens se trans-

formou em terra cultivada, graças ao capricho e trabalho do colono alemão. Mais uma coisa entrou para o país com a imigração, cujas conseqüências agora são visíveis, o respeito pelo trabalho livre do homem livre, que conseqüentemente não pode mais ser aliada a escravidão.

Passemos em revista o que aqui foi descrito em rápidos esboços do caráter alemão no Sul do Brasil. Podemos fazer uma comparação com o alemão americano onde em pouco tempo se perde o caráter alemão e aqui é preservado de muitas formas o que traz uma grande satisfação, pois aqui é fielmente conservado em especial se o aumento da pátria continua a fluir.

Aconteceu...

JUNHO de 1989

DIA 2 — A imprensa (JSC), baseada em dados oferecidos pela Organização Internacional de Saúde Pública, informa que cinco mil pessoas, residentes em Joinville, estão contaminadas pelo vírus da Aids.

DIA 2 — No Departamento de Cultura, foi realizada uma palestra, às 17,30 horas, sobre a terapia "Pulsações".

DIA 4 — A partir da edição deste dia o Jornal de Santa Catarina passou a trazer, dominicalmente, uma página enfocando Literatura, sob a direção do professor e poeta José Endoença Martins. A iniciativa foi muito bem recebida nos círculos literários blumenauenses.

DIA 5 — Com justificado júbilo e festejado por seus inúmeros descendentes a sra. Luiza Ambos, residente em Agrolândia, registrou a passagem de seus 100 (cem) anos de idade. Filha de imigrantes alemães, dona Luiza nasceu em Timbó, em 5 de junho de 1889. Ela teve oito filhos no seu casamento com Paulo Hobus, nascido alemão. Ao completar seu centenário, dona Luiza possui 14 netos, 28 bisnetos e um tataraneto.

DIA 7 — Como parte das comemorações da Semana do Meio Ambiente, professores e alunos do Colégio Sto. Antônio realizaram uma manifestação ecológica, a partir das 8,30 da manhã, no patio da escola.

DIA 10 — Cerca de 300 aposentados e pensionistas de Blume-

nau, estiveram reunidos no Salão Porta Aberta, debatendo problemas que vêm enfrentando com a baixa remuneração paga pela Previdência. Num dos "slogans" das faixas que exibiram, lia-se: "Fora, Sarney! Chega de tratar os marajás com o suor dos aposentados!"

* * *

DIA 12 — Perante grande número de associados e convidados, tomou posse o novo presidente da ACIB — Associação Comercial e Industrial de Blumenau - Ronald Baumgarten. Na oportunidade foi lançado o livro ACIB-BLUMENAU — NOVENTA ANOS DE MEMÓRIA, editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", com apoio financeiro de diversas empresas blumenauenses.

* * *

DIA 15 — Na Galeria Açu-Açu foi aberta a mostra das obras da artista plástica Eliana Hohendorf, e que foi a sua primeira mostra individual.

* * *

DIA 15 — Instalou-se, às 11 horas, na Galeria VERDEPERTO a exposição de quadros de pequenos formatos de autoria do artista Luiz Telles. O local da mostra foi à rua Marechal Floriano, 340, nesta cidade.

* * *

DIA 18 — Um incêndio praticamente destruiu o antigo Hotel Oliveira, à Alameda Duque de Caxias. Aquele hotel, que no passado era um dos mais conceituados, chamando-se, na década de 1943 de Hotel Riehle, teve a parte superior praticamente destruída. Desaparecerá, assim, um prédio que também possuía história no contexto da memória de Blumenau.

* * *

DIA 20 — No Teatro Carlos Gomes, foi iniciada a exibição de filmes denominada de "Cinema Brasileiro 90 anos", cuja iniciativa de diversas instituições, contou durante todo o período de exibições com excelente platéia de expectadores.

* * *

DIA 20 — Com o apoio do Departamento de Cultura, esteve em exposição no restaurante e choparia "Budegas", os trabalhos da artista plástica itajaiense Riéti Suzi Rebelo, formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

* * *

DIA 20 — O Departamento de Agricultura iniciou a distribuição de 15.550 mudas de árvores frutíferas, que haviam sido encomendadas pelos agricultores blumenauenses durante a 8ª. Feira de Árvores Frutíferas promovida pela prefeitura no mês de maio.

* * *

DIA 21 — Tendo por local o Biergarten, foi reunida, pela primeira dama do município, sra. Vera Kleinubing, a imprensa blumenauense para oficializar o lançamento da Primeira Feira da Amizade, a ter lugar dia 30 vindouro, na PROEB.

* * *

DIA 22 — O Prefeito Vilson Kleinubing sancionou a lei nr. 3.576,

declarando de utilidade pública a Sociedade Santa Mônica, assim como a Sociedade Casa da Esperança, através da lei nr. 3.577.

* * *

DIA 23 — Informações prestadas em relatório ao prefeito municipal de Blumenau, o Departamento de Agricultura, na intensificação do atendimento à comunidade, atuou com os microtratores realizando 767 horas de trabalho de aração, gradeação e roçada para 290 agricultores. No setor de saúde animal, foram atendidos, 1.129 animais em 784 propriedades, além da inseminação em 176 bovinos. Os pontos de revenda atenderam 4.931 agricultores, que adquiriram insumos no valor de 34.840,00 cruzados novos. Foram ainda distribuídas três mil mudas de essências florestais, 4.700 mudas de hortaliças e 2.450 quilos de produtos hortigrangeiros.

* * *

DIA 24 — Com a comédia em alemão intitulada "Der Strudelwettstreit", foi realizado um espetáculo teatral pelo Grupo Entre Rios "Thomas Schwarz", de Guarapuava, Paraná, no Centro Cultural 25 de Julho.

* * *

DIA 24 — Na Casa São Simeão, mantida pela Prefeitura, 96 idosos que vivem naquela casa, tiveram uma belíssima festa comemorativa ao Dia de São João. Houve casamento caipira, trajes típicos e tudo o que pudesse reavivar no espírito dos idosos lembranças agradáveis dos tempos de sua mocidade. Houve danças e belas canções. Uma iniciativa digna de louvor.

* * *

DIA 27 — Localizada no bairro de Itoupava Norte, foi inaugurada, com a presença de autoridades e numerosas outras pessoas da comunidade, a subestação da Eletrosul, que cuja solenidade foi presidida pelo presidente daquela empresa, sr. Fernando Bastos. A nova subestação ocupa uma área de 172 metros quadrados e passará a ser o ponto de entrega de energia elétrica produzida pela usina hidroelétrica de Itá. Para construir o empreendimento de tal envergadura, a Eletrosul investiu cerca de 13 milhões de cruzados novos.

* * *

DIA 27 — Com o objetivo de preservar o patrimônio histórico do município, o prefeito Vilson Kleinubing, através da portaria nº. 681, constituiu a Comissão do Patrimônio Histórico de Blumenau. Com isso, visou obter maior assessoramento dentro desta meta. Fazem parte da comissão, o Secretário de Planejamento sr. Paulo Gouvêa da Costa, o Promotor da Justiça da Comarca de Blumenau César João Cim, o diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura sr. Frank Graf, o Diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" jornalista José Gonçalves, o arquiteto representante do SPHAN/SC. Dalmo Abreu Vieira, a presidente do Conselho de Cultura Elke Hering, Stênio Ubirajara C. Vieira, presidente da Câmara de Arquitetura da AEAMVI, além dos arquitetos Hans Bross, Egon Belz e Vilmar Vidor.

* * *

DA 28 — Em Pomerode foi aberta a exposição de diversos ar-

tista plásticos, cujo acontecimento reuniu grande número de pessoas presentes. O evento foi de iniciativa da Fundação Cultural de Pomerode e denominou-se de Segunda Coletiva de Artistas Plásticos de Pomerode.

* * *

DIA 30 — Um acontecimento que marcou época em Blumenau foi a inauguração, às 19 horas, da Primeira Feira da Amizade. Na oportunidade, houve, com brilho especial, a apresentação do coral infantil da rede municipal de ensino de Blumenau, constituído de aproximadamente 120 crianças, com idade de 8 a 11 anos.

* * *

DIA 30 — Por estarem deteriorados e recolhidos pelo Serviço de Vigilância Sanitária de Blumenau, foram enterrados, no aterro sanitário, nada menos do que 400 (quatrocentos) quilos de margarina.

Comissão criada para estudar a preservação do patrimônio

Em Portaria assinada dia 27 de abril último, o prefeito Vilson Pedro Kleinubing criou a Comissão do Patrimônio Histórico de Blumenau. Eis o texto:

“PORTARIA Nº. 681

Constitui comissão do Patrimônio Histórico, para assessoramento voluntário à administração Municipal.

VILSON PEDRO KLEINUBING, Prefeito Municipal de Blumenau, no uso das atribuições que lhe confere o art. 70, inciso XXIX, da Lei Complementar Estadual nº. 5, de 26 de novembro de 1975, resolve:

DESIGNAR

Os cidadãos abaixo relacionados, para constituírem a Comissão do Patrimônio Histórico, que dará assessoramento voluntário à administração municipal, nos trabalhos de elaboração de projetos que visem a preservação do patrimônio histórico municipal.

PAULO GOUVEA DA COSTA — Secretário de Planejamento Municipal

CÉZAR JOÃO CIM — Promotor de Justiça da Comarca de Blumenau

FRANK GRAF — Diretor do Departamento de Cultura do Município

JOSÉ GONÇALVES — Diretor da Fundação Casa Dr. Blumenau.

DALMO DE ABREU VIEIRA — Arquiteto representante do SPHAN-SC

ELKE HERING — Presidente do Conselho de Cultura

STÊNIO UBIRAJARA CALSADO VIEIRA — Presidente da Câmara de Arquitetura da AEAMVI

HANS BROOS — Arquiteto

EGON BELZ — Arquiteto

VILMAR VIDOR — Arquiteto

Prefeitura Municipal de Blumenau, em 27 de abril de 1989.

Vilson Pedro Kleinubing

Prefeito Municipal

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Conselho Curador da Fundação foi empossado

Em agradável e bem concorrida solenidade realizada no salão nobre da prefeitura, sob a presidência do prefeito em exercício Victor Fernando Sasse, realizou-se a cerimônia de posse do novo Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", cujo mandato é de dois anos.

Após a leitura do documento que nomeou os conselheiros, fez uso da palavra, inicialmente, o prefeito Victor Fernando Sasse, que discorreu sobre a importância do trabalho que deve continuar por parte da comunidade, em busca do crescimento do nível cultural em geral, assim como na preservação da história e do patrimônio histórico em geral. Destacou a atuação da Fundação "Casa Dr. Blumenau" como exemplo de trabalho dignificante em busca de suas metas, instituição que deve orgulhar os blumenauenses que realmente querem ver crescer dentro do município as instituições culturais e tradicionais.

Após a palavra do Prefeito, que foi muito aplaudido, falou o poeta e conselheiro reeleito Martinho Bruning, historiando os primeiros movimentos e a criação da primeira instituição cultural em Blumenau, em 1936, seguida da Sociedade Amigos de Blumenau em 1950 e finalmente o surgimento da Fundação "Casa Dr. Blumenau" em 1972, destacando uma das figuras que mais haviam e vêm atuando em busca da preservação da memória histórica do município, que é o sr. Frederico Kilian que havia participado desde 1936 de todos aqueles mo-

vimentos, pedindo, finalmente, que seus companheiros conselheiros, o aclamassem presidente da Fundação, o que realmente aconteceu por unanimidade. Propôs em seguida a eleição também por aclamação da escritora Urda Alice Klueger, para a vice-presidência, o que também foi feito. Assim, o sr. Frederico Kilian foi empossado, naquele instante, na presidência do Conselho e, consequentemente, na presidência da própria Fundação. E por sua proposta aos demais conselheiros, pediu a manutenção, na secretaria executiva, do jornalista e editor da revista Blumenau em Cadernos, José Gonçalves, o que também foi aceito por aclamação unânime.

O presidente eleito, na oportunidade, agradeceu a confiança recebida de seus colegas, prometendo tudo fazer para não decepcionar e dar de si todo o empenho pelo crescimento constante dos acervos históricos e, portanto, da memória histórica sempre mais enriquecida e guardada com carinho nos arquivos da Fundação que passava agora a presidir.

Encerrada a solenidade, houve entusiásticas manifestações de satisfação por parte dos presentes, entre eles quase todos os secretários e outros assessores da administração municipal. O novo Conselho Curador ficou assim constituído: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger; membros: Júlio Zadrozny, Sra. Ilse Schmitter, Martinho Bruning, Ernesto Stodieck Jr., Ingo Wolfgang Hering, Nestor Seara Heusi, Rolf Ehlke, Arthur Fouquet e Frank Graf.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA